

A LITERATURA JUVENIL NA ESCOLA, DE BENEDITO ANTUNES

Cristiane de Mesquita ALVES

ANTUNES, Benedito. *A Literatura Juvenil na Escola*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. 125 p.

A Literatura Juvenil na Escola de Benedito Antunes é um livro que reúne ensaios sobre a Literatura Juvenil – como resultados de pesquisas desenvolvidas pelo *Grupo de Pesquisa Leitura e Literatura na Escola* da Unesp no decurso de 1998 a 2006, quando Antunes foi líder. A republicação desses ensaios pelo autor é justificada na *Apresentação* da obra que representa uma contribuição para o aprofundamento dos estudos da Literatura Juvenil e seu uso em sala de aula. Para Antunes (2019) o conjunto de ensaios poderia ser perpassado sob formas de roteiros de leitura e até propostas para que o professor junto ao aluno possam tirar proveitos da leitura dos livros analisados.

O Professor alerta ainda na *Apresentação* que os textos originais passaram por revisões ou adaptações, com o intuito de eliminar repetições para esta atual publicação. Benedito Antunes é professor e pesquisador de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e dedica-se a estudar temas relacionados à formação do leitor literário. Neste trabalho em questão, por exemplo, Antunes pontua escritos que discutem implicações a respeito da formação leitora e a recepção de uma particularidade da Literatura, frequentemente, associada a finalidades didáticas ou considerada como um subgênero menor: a Literatura Juvenil.

Desse modo, Antunes recorta das pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa sete ensaios que visam desde a uma reflexão, à conceituação, apresentação de obras e autores, a análises críticas sobre obras designadas de Literatura Juvenil. No 1) *Literatura Juvenil: para ler e ensinar* Antunes aborda conceitos e reflexões acerca do que seja a Literatura Juvenil e infantil, sua função formadora, os fins pedagógicos e sua inserção nos currículos escolares, a problemática do prazer estético presente neste tipo de texto

RESENHA



da palavra

VOL.16|N.2|DEZ.2019

ISSN 1415-7950

até a discussão do pressuposto de que esta Literatura esteja inserida em um subgênero. À guisa dessas reflexões, o subtópico do primeiro ensaio: *A identificação do público juvenil* o professor-pesquisador traz a consideração da idade do público consumidor da Literatura Juvenil, pois, segundo ele, definir a faixa etária é importante para tecer indicações das leituras de livros adequados a capacidade de compreensão e interesse das temáticas que poderiam despertar nos jovens, antes de passar para análises das obras. Para efeitos práticos: “poderia ser considerado jovem o indivíduo que frequenta os dois ou três últimos anos do ensino fundamental e o primeiro ou o segundo do ensino médio, como idade entre 12 e 16 anos [...]” (ANTUNES, 2019, p. 13).

Além da faixa etária, Antunes recomenda uma relação de nomes de autores que devem ser lidos de acordo com a idade e os métodos de ensino propostos no livro clássico *Literatura: a formação do leitor* (1988) de Maria Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar – citado por Antunes por discorrer sobre temas de livros voltados ao público infanto-juvenil, desde os mais tradicionais como: Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm, Charles Perrault, Monteiro Lobato; aos contemporâneos: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Bandeira dentre outros. Assim como previne obras clássicas inadequadas ao jovem leitor pela complexidade do enredo, a exemplo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis ou pela temática da violência presente em *Feliz ano novo* de Rubem Fonseca etc., já que “reconhecida a necessidade de adequação entre textos e leitores, cabe caracterizar a literatura juvenil, apontando os traços mais recorrentes em obras normalmente destinadas ao público dessa faixa etária.” (ANTUNES, 2019, p. 15).

As obras que são designadas a esta faixa etária trazem traços de: cumplicidade, linguagem agradável, humor, aventuras, trama policial e mistério, erotismo, informação cultural e bom exemplo; temas presentes de formas – mais amplas ou parciais –, que, muitas vezes, são percebidos de forma intencional com o fim de diminuir o valor da obra por deixá-la subordinada a um objetivo de natureza externa, isso é alertado pelo autor do livro, e lembra que a obra literária deve proporcionar uma experiência criativa e livre de cerceamentos de qualquer espécie, sobretudo a direcionada a jovens.

Outro questionamento comentado por Antunes nesse ensaio é sobre *A literatura quando jovem* que é a Literatura rotulada com adjetivos

RESENHA

Asas
da palavra

VOL. 16 | N. 2 | DEZ. 2019
ISSN 1415-7950

e colocada numa condição de subgênero. Isso se deve ao público-alvo e muito específico deste tipo de Literatura: Literatura Juvenil, dirigida à juventude, que, grosso modo, deve-se a própria origem da Literatura Infanto-juvenil, que ainda é uma problematização entre os pesquisadores, uma vez que o universo das obras contempladas e produzidas para este público é restrito. Antunes reitera que a análise desses livros vem associada a sua leitura em sala de aula e o espaço escolar costuma retornar a Literatura como “alimento para jovens leitores.” (ANTUNES, 2019, p. 20).

O ensaio 2) *Amargo, mas nem tanto* é uma análise crítica ao livro *Açúcar amargo* de Luiz Puntel concebido por Antunes como um livro ruim devido a problemas na estrutura narrativa, ser mal escrito e pela intenção explícita de Puntel em fazer uma Literatura de denúncia social, misturar ficção com documento, confundir engajamento com visão documentária e deixar o caráter literário comprometido, “sufocando uma condição essencial da ficção, que é a fantasia, a imaginação”. (ANTUNES, 2019, p. 22). Antunes faz uma análise do texto apresentando ao leitor o enredo da narrativa, destacando as passagens que ojeriza na obra de Puntel. No entanto, a crítica não é toda *amarga*: “Apesar de ruim, o livro possui uma boa história, ambientada em espaço contemporâneo, e aborda questões atuais e muito próximas de uma grande faixa de alunos da educação básica.” (ANTUNES, 2019, p. 22). Por isso, no subitem desse ensaio *A palavra dos alunos*, embora o texto dito literário apresentasse muitos problemas, para ser considerado uma boa ficção literária, é um livro que tem um número enorme de leitores, principalmente alunos de 7 e 8 séries, quando foram entrevistados numa escola pública de uma comunidade agrícola, talvez pelo fato dos leitores se identificarem com a boia-fria e estudante Marta e sua família, e de uma forma se viam nas aventuras e nas dificuldades socioeconômicas vividas pela protagonista. Tal acolhimento e recepção por parte do público leitor levou o autor da pesquisa a propor uma atividade com os jovens descrita no terceiro subitem do ensaio *Proposta de trabalho em sala de aula*.

Por mais deficiências estéticas que o livro *Açúcar amargo* podem ser responsáveis pela má recepção da Crítica, Antunes considera importante não ignorar a leitura dos jovens receptores da obra e usar esse estímulo a outras discussões e leituras. “No caso do livro estudado

RESENHAVOL. 16 | N. 2 | DEZ. 2019
ISSN 1415-7950*Asas*
da palavra

aqui, a identificação com a temática constitui uma motivação para a leitura. É, pode dizer, o elo inicial da comunicação. Cabe ao professor construir a sequência dessa experiência.” (ANTUNES, 2019, p. 34), como exemplo, começando por explorar os defeitos e limites do livro. Ademais, Antunes indica três etapas sugestivas de como o professor poderia trabalhar um livro ruim pela Crítica, mas considerado bom pelos leitores jovens. 1ª) Após a leitura do livro, estimular a discussão sobre as principais temáticas; 2ª) Com base nas questões levantadas em sala de aula, retornar a leitura do livro para construir uma compreensão mais precisa do mesmo e 3ª) Propor novas leituras a partir da temática a outros livros como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Fogo Morto* de José Lins do Rêgo para promover uma leitura mais crítica e madura de outras obras literárias consagradas pela Crítica.

No ensaio 3) *De avelãs e framboesas a bananas e abacaxis* também se trata de uma análise crítica acerca de um romance juvenil *As meninas da Praça da Alfândega* (1994) de Sérgio Capparelli. Antunes argumenta: “Não se trata de um estudo da recepção do livro, mas da abordagem de algumas questões nela implicadas que podem contribuir para eliminar barreiras a uma relação proveitosa entre literatura e leitor.” (ANTUNES, 2019, p. 37). Dentre essas questões implicadas para a recepção literária em sala de aula está o ensinar a ler Literatura da perspectiva do professor de Literatura, que deve ser o profissional que gosta de ler de forma espontânea e que ler não necessariamente precisa ser cultivado na escola. A experiência com a leitura para esta análise partiu de uma aplicação de leitura numa turma de 8 série do Ensino Fundamental de Escola Pública em São Paulo. A classe foi convidada a ler o livro e a responder duas questões: fazer o resumo do livro e traçar comentários sobre o mesmo.

Na primeira parte da investigação deste ensaio *Não li e não gostei?* foi realizada uma estatística de quantos alunos leram e não leram e as motivações e justificativas para o *li* e *não li*, o maior índice estava entre os que não leram, demarcando “A impressão que essas respostas deixam é que o aluno, ao dizer apenas “não li”, sente a ameaça da página em branco, acusando sua falta, [...] incapacidade de leitura e impossibilidade de escritura.” (ANTUNES, 2019, p. 40). O que não pode ou deveria acontecer, por isso é importante para os que não leram, ouvirem os comentários dos que leram e do próprio professor motivar esses comentários para que os que não participaram

efetivamente da atividade, motivarem-se a ler, porque um ganho ocorreu, mesmo a maioria não lendo, eles não ficaram completamente fora da leitura. Antunes na segunda parte do subitem do ensaio *Do lugar-comum à novidade* faz uma síntese sobre o livro de Capparelli, situando o leitor nos elementos da narrativa e, diferente do livro *Açúcar Amargo* analisado no ensaio 2, o pesquisador acrescenta que no livro de Capparelli – embora parta da realidade e do comum, o autor constrói uma história inusitada, somando suspense e humor que seduz seu leitor. Além de propor “uma experiência preparatória mais consistente, no entanto, seria a leitura e a análise de uma passagem representativa do livro, que após a leitura de todos, seria retomada para a interpretação.” (ANTUNES, 2019, p. 59). Percebe-se que a análise de *As meninas da Praça da Alfândega* pela descrição do professor Antunes é um livro mais carregado de fantasias, exageros e humor, mais ficção do que o primeiro livro analisado, tanto que no último subtópico desse ensaio *Desmanchando clichês* o leitor do livro de *Literatura Juvenil na Escola* consegue se identificar mais com *As meninas da Praça da Alfândega* como sugestão de livro para se trabalhar em sala de aula com jovens e aplicar as recomendações de Antunes como “condição de filtro da história. Seria como se os alunos de Dona Amapola passassem a aceitar com naturalidade suas avelãs, kiwis e framboesas depois de viverem intensamente a experiência de bananas, laranjas e abacaxis.” (ANTUNES, 2019, p. 61), ou seja, depois de um livro como *As meninas da Praça da Alfândega* com sua boa experiência de leitura, outros virão para contribuir na formação leitora dos jovens.

Em *Amor e imaginário na sala de aula* o 4) ensaio Antunes propõe reflexões sobre o atual cenário educacional brasileiro que se ocupa das questões pertinentes à Literatura Infantojuvenil, alegando que a Literatura Infantil e Juvenil precisam ocupar os espaços acadêmicos e escolares de forma regular. Sugere vários nomes de livros importantes para este estudo e consolidação. Divide este ensaio em três partes, além da introdução e da conclusão. 1ª) *O romance epistolar e as narrativas juvenis* que reconhecem a prática da escrita por meio de cartas como uma forma de a juventude interagir e, grosso modo, estimula a escrita e a leitura, em tempos de internet, escrever e-mails e bilhetes seria um meio de divulgar esse modo antigo de leitura e de escrita que pode se popularizar entre os jovens; cita, o

best-seller *O mundo de Sofia*, romance epistolar, “as lições de filosofia que ela recebe, é enviado pelo correio.” (ANTUNES, 2019, p. 65), essa leitura pode funcionar como um recurso de estímulo a leitura para jovens, como os de 15 anos.

2ª) *A nova narrativa epistolar* pode ser encarada como essa nova forma de leitura e de escrita constatada nos romances juvenis *Ana e Pedro* de Vivina de Assis e Ronald Claver, no qual apresenta a correspondência entre uma garota de 16 anos e um garoto de 17 anos; *Caixa postal 1989* de Angela Carneiro que traz as personagens Laura de 15 anos, escrevendo para Léo de 17 anos; *@s senhorit@s de Nov@ York* de Daniel Piza, dois rapazes se correspondem por e-mail, um de São Paulo e outro de Nova York entre outros romances que retratam jovens escrevendo e se correspondendo. Em 3ª) *De Paris, com amor*, Antunes resume e analisa o enredo de uma menina que toma iniciativa de corresponder com um colega por cartões-postais. O livro se tece em torno de viagens, aparência física, personalidade, amor, fantasia e imaginário etc., elementos que compõem o mundo jovem e abordam sobre o comportamento juvenil e segue a conclusão deste 4) ensaio escrevendo que “o romance epistolar corresponderia, no plano formal, a essa predominância temática, na medida em que representa a necessidade de interação do jovem com a família, com os amigos, com o sexo oposto.” (ANTUNES, 2019, p. 74).

O ensaio 5) *Uma questão de patos* é uma análise comparativa entre dois romances *O apanhador no campo de centeio* de Jerome David Salinger publicado em 1951 e a novela de texto e imagens *Antes que o mundo acabe* de Marcelo Carneiro da Cunha, publicada em 2000 com o objetivo de apresentar o drama existencial vivido por personagens adolescentes, comparando as semelhanças nesse conflito existencial dos protagonistas, principalmente, no que concerne ao espaço onde a crise de identidade se manifesta; no romance de Salinger – Holden depois de ser expulso do colégio perambula pela rua e se depara no lago dos patos do Central Park e no de Carneiro – Daniel vai ao parque de Porto Alegre e começa atirar pedras no lago de patos. Além da temática voltada para o conflito pessoal dos jovens personagens, Antunes destaca a linguagem dos livros que é atual e repleta de expressões peculiares da juventude.

No ensaio 6) *Dois livros* também se trata de um estudo comparativo entre duas obras de Literatura Juvenil *A órbita dos caracóis* de 2003 de Reinaldo Moraes e *Se eu fechar os olhos agora*

de 2009 de Edney Silvestre. A comparação não se trata da temática como sucedeu na análise anterior, mas, analisar como essas duas narrativas contribuem para discutir as questões da chamada Literatura Juvenil, já que os dois livros são destinados ao público jovem. “De modo geral, esses traços parecem situar-se na assimetria entre o escritor adulto e o leitor jovem, o que leva o escritor, por se dirigir a alguém com menos conhecimento ou experiência que ele, [...] e dar explicações.” (ANTUNES, 2019, p. 97), e conselhos, procedimentos que incorporam elementos da Literatura Juvenil. Entretanto, Antunes chama atenção para os riscos que essas características atribuídas a Literatura Juvenil usadas nas escolas e nos programas de formação de leitores para a autonomia estética das obras podem trazer a esses jovens leitores.

E, para finalizar as breves considerações sobre as sínteses do livro *A Literatura Juvenil na Escola* de Benedito Antunes, resume-se o último ensaio selecionado pelo autor – o 7) *Ser jovem em dois tempos*. Neste ensaio, Antunes observa a problemática: *quais são as implicações da classificação etária na concepção e circulação de uma obra literária?*, a partir da análise de *Lenora* de 2008 de Heloisa Prieto. A escolha pelo texto de Prieto se deve as indicações do paratexto destinadas ao público juvenil e trata de temas relacionados aos anos de 1970, um momento marcante da história da cultura jovem. Nesse âmbito, consta “deslocar para um segundo plano de elementos narrativos [...] os fatos, as personagens, os mistérios, os narradores, as referências literárias e culturais presentes no livro, procurando estabelecer uma mediação.” (ANTUNES, 2019, p. 100). Essa mediação se faz entre os planos: material, ficcional e a personalidade literária da Autora, abordando outros pontos de análise como: *Letra e música; A magia da música; Ouvindo a própria harmonia e De dunas a vênus*.

Logo, partindo-se de uma visão geral, o livro de Antunes acaba por ser um livro *sobre e para* a Literatura juvenil na Escola numa perspectiva ampla. Pelas discussões desenvolvidas nos ensaios, o leitor deste livro acaba não apenas tendo um guia de leituras ou formas de análises literárias desses livros, ou mesmo ao professor indicação de projetos de como se trabalhar livros juvenis na Escola, Antunes situa o leitor em uma realidade mais densa e complexa: a de discutir qual o lugar da Literatura Juvenil na Escola, como desmitificar

a condição dessa Literatura de subgênero e a mais importante indagação e preocupação do Professor – autor deste livro que se resenha: como formar leitores jovens, por meio da Literatura.

ANTUNES, Benedito. *A Literatura Juvenil na Escola*. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. 125 p.

Cristiane de Mesquita ALVES

Recebido em 27 Set 2019 | Aprovado em 27 Out 2019

Cristiane de Mesquita ALVES

Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Universidade da Amazônia- UNAMA). Bolsista Prosup/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico. (GITA). Atualmente, Professora de Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9611>.

NOTA

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001. Portaria Nº 206, de 04 de Setembro de 2018.

RESENHA

Asas
da palavra

VOL. 16 | N. 2 | DEZ. 2019
ISSN 1415-7950